

## ECOS NO FACEBOOK DE UM ENGODO RACIAL NA POLÍTICA

Luciana Fernanda Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo se propõe a refletir sobre representação do negro a partir de um conflito de ocorrido durante um debate político que gerou constrangimento entre candidatos ao governo do Rio de Janeiro (2018), quando a candidata Márcia Tiburi afirmou que não havia negros competindo pelo cargo. Em resposta, o concorrente Romário respondeu: “eu sou o negro desse debate”. Como gatilho para as reflexões, utilizamos a participação política no Facebook, investigando, através dos comentários, qual(is) imaginário(s) social(is) permeia(m) sobre o pertencimento racial de um candidato negro, que, para ter sua identidade racial reconhecida pelo outro, precisa estar enquadrado nos padrões pré-estabelecidos por um conjunto de regras e práticas específicas.

**Palavras-chave:** racismo estrutural; representação; eleições 2018.

### 1 INTRODUÇÃO

“Entre direita e esquerda, eu continuo sendo preta”. (Sueli Carneiro, 2000)<sup>2</sup>

A célebre frase em epígrafe foi proferida pela filósofa Sueli Carneiro, quando entrevistada por José Arbex Jr., Demétrio Magnoli e Jayme Brener, sobre o atual prefeito de São Paulo na época, Celso Pitta, ligado a um partido de direita, que foi acusado de corrupção, e, por isso, ganhou a pecha de que “saiu de casa com um cartaz dizendo que era perseguido por ser negro”. A intelectual, na ocasião, criticou a insistência da imprensa em alocar os negros em blocos, como se todos fossem uma só massa pensante e ideológica, e que essa atitude só reforçava as categorias compreendidas pelo Racismo.

A relação entre racismo e política não tem sido alvo de grande preocupação de investigação entre os cientistas sociais em comparação com outras dimensões que essa problemática suscita. Assim, enquanto as desigualdades raciais no acesso à educação, ao

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM/UFF. Contato: lucianafernandaluz@gmail.com.

<sup>2</sup> Sueli Carneiro: “Não me consta que o Pitta não tenha consciência de sua condição de negro. Não se tem notícia dele como ativista. (...) Somos seres humanos como os demais, com diversas visões políticas e ideológicas. Eu, por exemplo, entre esquerda e direita, continuo sendo preta”. (“Caros Amigos”, n. 35, fev 2000).

mercado de trabalho, especialmente o ingresso nos postos de comando e prestígio nas empresas e instituições, bem como as formas de preconceito e discriminação cotidianas etc. têm merecido atenção dos pesquisadores, a referida relação não tem despertado o interesse dos especialistas, especialmente entre os cientistas políticos, conforme afirmam diversos autores (HASENBALG e SILVA 1993; PRANDI 1996; OLIVEIRA 2002). Isto se reflete no pequeno número de publicações e na atenção recente que esta problemática vem recebendo.

Segundo Oliveira (2008, p. 260) candidaturas negras, especialmente as vitoriosas desde a década de 80, provocaram impactos na dinâmica político-eleitoral brasileira. Ainda, disputas eleitorais envolvendo políticos negros, mesmo quando derrotados, têm imprimido, nesses últimos anos, grande influência na política local e nacional, por trazerem à tona questões que usualmente ficavam ausentes dos debates políticos, tais como os problemas das desigualdades raciais e voto étnico e racial no Brasil.

É mister evidenciar quais as ideologias estão implícitas nesses contextos, pois esses acontecimentos de grande visibilidade midiática influenciam no termômetro das tensões raciais do país, obrigando a mídia e os cidadãos em geral, por conta também da rápida proliferação das notícias, a “re discutir a mestiçagem” (MUNANGA, 1999), ou seja, a rever o projeto de nação brasileira, já que a noção de raça sendo usada historicamente para estruturar privilégios e exclusões (ALMEIDA, 2018).

Nesse sentido, ao acompanharmos os debates eleitorais de 2018 para o governo do Rio de Janeiro, deparamo-nos com um diálogo incomum: quando a candidata Márcia Tiburi, ao criticar a ausência de diversidade e inclusão no país, tentou utilizar a composição daquela bancada como exemplo e afirmou que não havia negros competindo pelo cargo na presença do seu concorrente, um candidato negro, Romário. Este se defendeu com a autoafirmação de sua identidade negra. Tal fenômeno incitou-nos a estas reflexões aos perguntarmos que motivos estariam implicados no fato da candidata não tê-lo reconhecido enquanto uma pessoa negra, apesar da “nitidez da sua cor”.

Interessados nessa seara, decidimos refletir sobre conflitos raciais entre políticos. Quando um “cavalo negro entra na corrida”, sobretudo em condições de vencê-la, ocorre a “inevitável visibilidade da cor”, pois sua pertença racial se torna mais um fator relevante para orientar o voto (OLIVEIRA, 2007, p.20):

qualquer que seja a estratégia discursiva utilizada pelo candidato negro nas campanhas é inevitável a visibilidade da sua cor e a emergência da questão racial no debate eleitoral. Isto significa que mesmo em pleitos nos quais os debates em torno da questão racial (identidade racial, desigualdade racial, exclusão dos afrodescendentes dos benefícios dos serviços e políticas públicas) não estão presentes ou não têm posição de destaque na agenda eleitoral, ainda assim os contendores são compelidos a produzir estratégias discursivas para tratar dessa questão. (Oliveira, 2007, p. 409)

Trazer luz a esse tipo de fenômeno é importante, porque nos informa sobre o cenário do letramento racial no Brasil, onde a relação entre brancos e negros<sup>3</sup> está afundada em um imaginário racista anti-negro, onde este ocupa um lugar de inferioridade intelectual e incapacidade congênita, animalizado e dominado, enquanto o outro a superioridade intelectual moral e hierárquica. Houve intensa discussão nas redes sociais, especialmente no Facebook sobre o caso que nos instigou, por meio delas investigamos que tipo de manifestações foram suscitadas.

Especificamente, do exposto, a proposta desse trabalho é pensar que elementos ligados ao imaginário social brasileiro foram acionados na produção de comentários no Facebook por seus usuários, em resposta ao que estamos chamando aqui de “engodo racial”, ou seja, um armadilha social de comunicação envolvendo as contraditórias relações raciais brasileiras, devido à famigerada banalização das informações e falta de educação sobre o tema, que põem em evidência as nuances do Racismo.

O artigo está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, cruzaremos alguns estudos sobre relações raciais brasileiras, na busca de explicar porque Romário não foi reconhecido enquanto negro, ainda que se reconheça como tal e sua pertença

---

<sup>3</sup> Importante frisar que as relações raciais entre os brancos e indígenas também é tensa e desigual. Porém, uma análise respeitosa com os nativos brasileiros demandaria categorias diferentes das que recaem sobre os desdobramentos do racismo anti-negro, caso do fenômeno em tela.

racial ao grupo negro seja, assim consideramos, inegável. Logo após, faremos uma breve discussão sobre a importância das redes sociais como fonte de análise e apresentaremos a metodologia de pesquisa. Na sequência, faremos a interpretação de comentários selecionados, elencados e divididos conforme o tipo de argumento apresentado como crítica ao acontecimento. Por último, faremos as considerações finais.

## **2 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO FACEBOOK E PROPOSTA METODOLÓGICA**

A questão da representatividade do negro na mídia brasileira é algo que comumente atrai recebe holofotes em pesquisas e debates. Ora, a indústria cultural midiática, seja dentro ou fora da Internet, ainda é pouco permeável à ideia de ter o negro em papel protagonista e segue reproduzindo estereótipos, colocando o negro em papéis que configuram, quase sempre, subalternidade. A internet surge como um espaço mais plural, onde, assuntos ligados à raça podem ser debatidos de maneira mais multifacetada.

Para evidenciar a repercussão de caso em tela no Facebook, seus efeitos e os argumentos utilizados pelos usuários para interpretá-la foi realizado um estudo exploratório qualitativo e quantitativo para coletar informações que ilustrassem de que forma a sociedade pode participar ativamente do processo político por esse rede para interagir e se expressar. A coleta de dados foi feita utilizando as palavras-chave “Romário e Márcia Tiburi”, “Eu sou o negro aqui desse debate”, observando os comentários feitos em até 24 horas depois do ocorrido.

As sociedades mais tecnologicamente avançadas têm acesso a bens e serviços através de meios de comunicação mais novos que as sociedades menos avançadas tecnologicamente. A mídia, através dos meios de comunicação, ajudou a interligar diversas pessoas de longe e de perto. Essas novas tecnologias apresentam-se como importantes instrumentos entre o meio de comunicação e da mídia para compreensão dos efeitos sociais e individuais. A metodologia da comunicação, contudo, mudou e dispersou-se em várias direções conforme os motivos do seu impacto sociocultural. Da mesma forma, a mídia apresenta-se como um modelo de representações sociais no qual está em jogo modos de subjetivação de todo um grupo étnico em todo país. (BARRETO, CECCARELI, LOBO, 2017, p.7)

A internet é uma das ferramentas mais eficazes a da mídia. A Pesquisa Brasileira de Mídia , em 2016, mostrou que quase a metade dos brasileiros (49%) usa a internet para ficar informado como primeira e segunda opções. Ainda, a investigação também constatou que adolescentes e jovens, na faixa de 16 a 24 anos, utilizam a internet por cerca de 6h17 em média durante a semana. Entre as principais atividades no ambiente on-line destacam o acesso a redes sociais de internet (RSI), sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%).

A midiaticização, segundo HJARVARD, 2012, é um fenômeno que reconfigura a vida social, cultural e política, com reflexos nos comportamentos, nos hábitos de consumo e também no exercício da cidadania. Ao associar as RSI ao debate político, as possibilidades de participação são ampliadas ou incrementadas.

### **3 NEGRITUDE (IN)VISÍVEL: POR QUE UM NEGRO PASSA EM BRANCO?**

Não é a primeira vez que esse tipo de questionamento sobre o pertencimento racial de uma pessoa reconhecida como negra é questionado por conta de suas escolhas e ideologias políticas. Usando de qualificações depreciativas surgidas na história do racismo, até hoje, pessoas negras são enquadradas à mercê de adversários com critérios pré-definidos segundo seu letramento racial baseados na “ideia” de certo lugar deve ocupar alguém que tem certo tom de pele. Isto, porque, como defende Mbembe (2014), a forma de pensar o mundo hoje está muito próxima da forma de organizar o mercado de escravizados no século XIX.

O trabalho escravo contribuiu de forma expressiva para construção de um “lugar” para o negro na sociedade. Não basta, apenas, saber que numa época remota sujeitos de pele negra foram arrancados de suas terras, escravizados como objetos, torturados e mortos por brancos em favor do imperialismo econômico europeu. Mas, compreender como a escravidão de pessoas negras no Brasil produziu um discurso no imaginário social sobre o “lugar” desse sujeito. O mito da democracia racial, assim como o pacto narcisista dos brancos (branquitude) mantém-se silencioso e duradouro na conservação dessa estrutura racista em termos de representações nos espaços de privilégios sociais. (BARRETO et. al., 2017, p.3)

No Brasil, o negro foi pensado ocupa determinado lugar – o “lugar de negro” (GONZALES, Lélia; HASENBALG, 1982). Um negro, para ser reconhecido, deve cumprir certos requisitos regulados pela ideia representativa do que é ser negro. Quer dizer, precisa estar enquadrado nos padrões pré-estabelecidos por um conjunto de regras e práticas específicas (HALL, 2003; MUNANGA, 1999), porque, do contrário, corre o risco de não ser reconhecido como tal - no caso de Romário, que, no dizer popular, “passou em branco<sup>4</sup>”. E por mais que tente não se colocar em evidência, “não há como escapar de políticas de representação” (Hall, 2001, p. 157).

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (HALL, 1997, p.61)

As representações sociais provocam diversas conseqüências e sentidos, físicos ou simbólicos. Mas não podemos deixar de observar que algumas delas tem mais visibilidade e consideração como expressão da realidade, são escolhas políticas e fatos que dependem de quem tem o poder para escrever a história nas disputas.

### 3.1 LOCAL DE FALA: PERFIS DOS CANDIDATOS

O termo “lugar de fala” ou tem origem imprecisa, tendo suas raízes na década de 80, dentro do movimento feminista americano. De modo geral, foi cunhado para dar suporte à compreensão de que nossos discursos, verbal ou não-verbal, evidenciam nossa posição nas relações de poder, mesmo que sem intenção. Mesmo pessoas que participam de grupos minoritários podem reproduzir preconceitos, porque estes estão ligados ao senso comum e à tradição, afinal, “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, p.61).

---

4 Aqui, utilizamos a expressão como sinônimo de “desapercebido”. No entanto, é relevante frisar que a expressão é frequentemente usada pelos ativistas dos movimentos negros, em um jogo com os sentidos da palavra branco que, se nos dicionários oficiais, é carregada de significações positivas, em detrimento da palavra “negro”, ganhou na luta antirracista uma conotação negativa.

Aliado à ideia da interseccionalidade<sup>5</sup>, que leva em conta os marcadores sociais que nos atravessam concomitantes, tal conceito pode servir de suporte na reflexão acerca de questões sociais de trajetória e formação de identidade, discurso e posição social que ajudam a compreender porque alguém fala uma coisa, e porque fala de determinada forma, dentro de uma sociedade organizada hierarquicamente sob os princípios da branquitude, masculinidade e heteronormatividade.

Sendo assim, para que possamos discutir sobre os motivos daquele incomodo e revelador do diálogo foco deste trabalho, é relevante que se conheça o perfil geral de cada interlocutor do fato, a fim de que reflitamos sobre seus enunciados:

### **Romário**

Romário de Souza Faria, mais conhecido como Romário, negro, tem 52 anos, é ex-futebolista brasileiro amplamente reconhecido como um dos maiores jogadores de todos os tempos. É Senador da República, filiado ao Podemos (PODE). De origem pobre, nasceu na favela do Jacarezinho, na cidade do Rio de Janeiro, considerada uma das mais perigosas da região. Passou a maior parte da infância na Vila da Penha, outro bairro da bélica periferia do município. Ingressou na carreira política no Rio de Janeiro, em 2011, para deputado federal, e em 2014 se elegeu para Senador pelo mesmo estado. Em 2018, disputou o Governo do Rio, sem êxito.

### **Márcia Tiburi**

Márcia Angelita Tiburi branca, 48 anos, nasceu no Rio Grande do Sul, em Vacaria. Pertencente à classe média, é artista plástica, escritora e acadêmica, tendo toda sua trajetória voltada para a área de Filosofia. Foi filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) até 2017, onde era um dos quadros, passando para o Partido dos Trabalhadores (PT) em 2018, ocasião em que foi confirmada como candidata ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, a fim de atrair o voto das classes média e alta, mas não se elegeu.

---

<sup>5</sup> “Interseccionalidade” é um conceito sociológico que investiga sobre interações entre as pessoas e diversas estruturas de poder, cunhado por Kimberlé Crenshaw (EUA).

#### 4 ENGODO RACIAL E REPERCUSSÃO NO FACEBOOK

Nosso objeto de análise foi um dos momentos mais comentados do debate no Canal da BAND com os candidatos ao governo do Rio de Janeiro revela outra vez que as relações raciais andam a lentos passos no Brasil. O brevíssimo diálogo protagonizado por Márcia Tiburi e Romário<sup>6</sup> é revelador do racismo cordial<sup>7</sup> que opera do país. A filósofa e professora citou, após defender que o Brasil é um país Racista e um dos resultados é o genocídio contra a população negra, que não havia candidatos negros na disputa pelo Palácio Guanabara. “Se vocês olharem aqui para os nossos candidatos, aqui a gente só tem candidato branco”, disse a petista; em seguida, afirmou-se como a única mulher, como argumento para a desigualdade de gênero<sup>8</sup>. Assim que obteve a palavra, Romário se posicionou: “Queria só fazer uma correção para a candidata professora Márcia Tiburi. Eu sou o negro aqui desse debate”<sup>9</sup>. Chamamos o episódio de “engodo racial”, porque tal constrangimento se configurou como uma arapuca resultante da conturbada trajetória da formação sobre a questão racial brasileira, ou seja, uma “armadilha da raça”.

Um sem número de postagens e comentários sobre o ocorrido encheram o Facebook, além de outras redes sociais, dos mais variados argumentos sobre os motivos que teriam levado Tiburi a fazer tal afirmativa e Romário a se posicionar. O que é revelado pelo discurso da candidata (consciente ou inconsciente), conforme Hall (2001, p.157) é um apelo de “policimento de fronteiras” do território do corpo do outro, ou seja, uma tentativa de “traduzir a natureza em política usando uma categoria racial para sancionar as políticas de um texto cultural e como medida do desvio”.

---

6 Disponível em < <https://veja.abril.com.br/politica/romario-corrige-candidata-do-pt-e-afirma-ser-negro-em-debate/>>. Acesso em 02 set 2018.

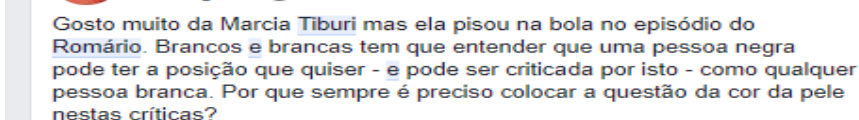
<sup>7</sup> Racismo Cordial foi o título de uma pesquisa realizada pelo Data Folha, do jornal Folha de São Paulo. Folha de São Paulo, Caderno Especial, junho, 1995.

<sup>8</sup> Nesse endereço eletrônico o debate pode ser assistido por completo: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vTuTeISiOUw>>. Acesso em 5 de set 2018.

<sup>9</sup> Além das mídias alternativas online. Vários jornais abordaram o episódio. Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/num-pais-que-nao-discute-a-questao-racial-romario-teve-que-avisar-que-e-negro-num-debate-por-marcos-sacramento/>; <https://www.brasil247.com/pt/247/midiotech/365582/'Eu-sou-negro'-afirma-Rom%C3%A1rio-em-resposta-a-Tiburi.htm>. Acesso em 02 set 2018.



Observamos cem comentários e os separamos por grupos, para agregar aqueles que apresentavam, em geral, argumentos semelhantes. Foram desconsiderados argumentos considerados ofensivos e que contivessem palavras de baixo calão,. Entre os comentários selecionados para esta discussão, selecionados os mais completos e

A screenshot of a social media comment. The text is in Portuguese and reads: "Gosto muito da Marcia Tiburi mas ela pisou na bola no episódio do Romário. Brancos e brancas tem que entender que uma pessoa negra pode ter a posição que quiser - e pode ser criticada por isto - como qualquer pessoa branca. Por que sempre é preciso colocar a questão da cor da pele nestas críticas?". The text is centered and has a light blue background.

Gosto muito da Marcia Tiburi mas ela pisou na bola no episódio do Romário. Brancos e brancas tem que entender que uma pessoa negra pode ter a posição que quiser - e pode ser criticada por isto - como qualquer pessoa branca. Por que sempre é preciso colocar a questão da cor da pele nestas críticas?

representativos de cada grupo. Esses se dividem, em geral, em dois tipos de críticas: Grupo 1 – defendem Romário e aprovam sua atitude, apontando a culpa da candidata; Grupo 2 – transferem a culpa para Romário, concordando com a invisibilização argumentando a favor de Tiburi.

No Brasil, o racismo está associado a ideologias conservadoras e retrógradas, apoiar uma candidatura negra, seja de esquerda ou de direita, numa eleição de grande porte, como é a do governo do Rio de Janeiro, é visto como uma atitude progressista. A candidata Tiburi, que, firmada numa trajetória dentro desse pressuposto, cometeu um “ato falho” ou “lapso freudiano”<sup>10</sup>, uma “mancada do discurso da consciência” em dialética com a memória (GONZALES, 1980, p.226).

#### Figura 1- Comentário 1

Outros comentários que seguem essa lógica:

Romário nunca abraçou publicamente a pauta do movimento negro. Mas é preto. E quando diz que é preto, corrigindo uma outra candidata que utiliza como principal ferramenta a falta de representação, está certíssimo. (Comentário 2).

<sup>10</sup> Freud evidenciou que o ato falho era como sintoma, constituição de compromisso entre o intuito consciente da pessoa e o reprimido. O lapso acontece quando “enunciar algo distinto do que intencionava, o que cada sujeito encontra é perplexidade ou irritação. Por vezes, esse fenômeno sequer é reconhecido pelo falante, sendo revelado pela reação do interlocutor”. Ver: AIRES, Suely. Atos falhos: interpretação e significação. “Natureza humana”, vol. 19, n. 1, São Paulo, jul 2017.

Para começar, negros não compõem um grupo homogêneo (nem antes da colonização, nem no continente são todos iguais defendendo os mesmo interesses) logo, nunca estará a serviço da pauta de todos os negros, visto que grupos distintos possuem pautas distintas. (Comentário 3).

Os comentários do **Grupo 1** focam no equívoco da candidata, culpabilizando-a, em defesa da postura de Romário frente a uma tentativa de invisibilização por suas práticas em relação a sua negritude. Esses argumentos reforçam a ideia da quebra de estereótipos, criticam o fato de que, no imaginário social, o negro “autentico” só seria reconhecido em demarcações fechadas e exclusivas.

Assim como Celso Pitta em 1996, Romário não utiliza a raça como um recurso de “apelo racial explícito”), ao contrário de outros candidatos. Adota a estratégia política de “desracialização” do discurso (OLIVEIRA, 2007). Um exemplo disso é, ainda que comente todas as suas atividades de campanha em sua página do Facebook<sup>11</sup>, ele nada comentou sobre a polêmica no debate. Ora, se para Guerreiro Ramos, “negro é um lugar”, uma posição específica (NASCIMENTO, 2009, P.190), e o corpo é um território de construção de identidades, uma cultura racista valida somente territorialidades determinadas por uma “lógica zonal, de controle de áreas e limites ou fronteiras específica” (HAESBAERT, 2004, p. 291), apenas o “negro em seu lugar”.

O político também não possui uma trajetória política vinculada às correntes socialistas, da esquerda, comumente consideradas (no Brasil) adequadas aos negros devido ao combate ao colonialismo e capitalismo<sup>12</sup>, isto porque “o movimento negro contemporâneo foi gestado na rede de mobilização social contra a ditadura militar” (RIOS, 2014, p. 32).

A soma dessas ausências quebra estereótipos, cruza “fronteiras”. Pois essas demarcações comportamentais ideais de autoafirmação da negritude, aliada a ideologia de esquerda, torna o seu corpo negro, a imagem de um corpo ilegítimo. Em outras

<sup>11</sup> Página de Romário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/romariodesouzafaria>>. Acesso em 10 set 2018.

<sup>12</sup> Sobre o conflito entre o negro, a direita e a esquerda ver: MOORE, Carlos. “Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o Racismo, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

palavras, considerando o regime representativo, Romário, enquanto negro é “irrepresentável” (RANCIÈRE, 2012, p. 140). Incita “falha de regulação representativa” (Racière, 2012, p.133), porque seu corpo traz a experiência de território “não mais submetidos à identificação do processo de significação à construção” de “uma história única (ADICHE, 2009).

Nesse ínterim, muitos comentários enquadraram Romário como um “engodo racial”, ou seja, ainda que seja autodeclarado negro, ele não seria um negro legítimo, pois não carrega no conteúdo de suas práticas, discursos e trajetória política características que positivem essa autoidentificação. Ou seja, ele não faz aquilo que se espera de um negro. Nesse sentido, seu posicionamento seria considerado oportunista, porque sua cor é uma isca.

O **Grupo 2** enquadra Romário como um “negro ilegítimo” ou “engodo racial”.

Um usuário comentou “e o pior disso tudo, é que ele votou contra os seus”. Ela se referia a ele ter sido a favor do impeachment da ex-presidenta Dilma, com argumento de que um negro só poderia ter uma posição. Parafraseando Stuart Hall (2001, p. 154), “o bom ‘negro’ passa no teste de autenticidade, que é referência para a experiência negra e expressividade negra. Estas servem de garantias na determinação de qual ‘tipo de negro’ é acertado, qual é o nosso e qual não é”.



Figura 3 – Comentário 6

Tá certo, pois o lugar de fala aí era DELE, mas acontece que ele SEMPRE se calou... Daí bem uma não negra, pegar e usar o espaço de fala em prol dos negros. Podemos nós reclamar disso com ela??? Sim, pois o espaço e o tempo de fala que ele teve até hj, NUNCA o usou por ou para nós. Sou e sempre serei LEAL aos meus. Mas Romário só me representa na cor da pele, e só. Na vdd, me envergonho absurdamente dos seus atos, mas mais ainda das suas inércias diante do nosso sofrimento diário secular. Romário é um preto que serve a outro povo que não o seu... não ao meu. (Comentário 7)

Esse fenômeno da negação de um corpo reconhecidamente marcado pela negritude<sup>13</sup>, está intrinsecamente ligado à “obrigação representativa”, como explica Ranciére (2012, p. 123), que é a “dependência do visível em relação à palavra”.

Esse regime regula as relações entre o dizível e o visível, entre o desdobramento de esquema de inteligibilidade e o das manifestações sensíveis. [...] Esse é o regime que define compatibilidades e incompatibilidades de princípio, condições de recepção e critérios de não recepção. (RANCIÉRE, 2012, p. 127)

Sem letramento racial crítico, ocupando o lugar da branquitude<sup>14</sup>, acreditamos que a filósofa mal interpretou pertencimento racial do concorrente. Explica Skerrett que “Letramento Racial tem uma compreensão poderosa e complexa da forma como raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos” (2011, p. 314, APUD FERREIRA, 2014, p. 250). Guinier complementa que essa ideia “obriga-nos a repensar raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de ambos brancos e negros” (2004, p. 114 APUD Ibid).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pano de fundo dessa discussão está na ideia de que, conforme MBEMBE (2014), a maneira como se pensa o mundo hoje está muito próxima da forma de organizar o mercado de escravizados no século 19. Assim como os escravos só podiam

---

<sup>13</sup> Mostraremos mais adiante que todos os comentários afirmaram sua pertença racial ao grupo negro. Ou seja, em nenhum momento Romário teve sua cor posta em cheque.

<sup>14</sup> Sobre esses termos, ver: BENTO, Maria A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. CARONE, Iray; BENTO. M.A.S. (Orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

transitar pelas regiões permitidas pelos seus proprietários, os negros de hoje, segundo esse sistema, deveriam percorrer os terrenos cercados por suas demarcações físicas e simbólicas específicas.

Será mesmo verdade que hoje em dia estabelecemos com o Negro relações diferentes das que ligam o senhor ao seu criado? Ele próprio não continuará a ver-se apenas pela e na diferença? Não estará convencido de ser habitado por um duplo, uma entidade alheia que o impede de chegar ao conhecimento de si mesmo? Não viverá num mundo de perda e de cisão, mantendo o sonho de regresso a uma identidade que se declina a si própria em função da essencialidade pura e, portanto, muitas vezes, do que lhe é dissemelhante? A partir de quando o projecto de levantamento radical e de autonomia em nome da diferença se tornou simples inversão mimética daquilo que durante tanto tempo foi a sua maldição? (MBEMBE, 2014.p. 21)

Aproximar as realidades entre pessoas brancas e negras no Brasil é grande desafio. O Brasil caminha à passos lentos rumo à igualdade racial. Mais um século após a abolição da escravatura, os indicadores socioeconômicos da população negra constataam o abismo racial. Após a implementação das primeiras políticas de ações afirmativas com ampla cobertura da mídia, as cotas raciais obrigaram o país a debater sobre a distribuição de recursos e bens materiais, bem como a revisão de conceitos como cidadania e nação. Foram criadas a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e o Estatuto da Igualdade Racial, e aos poucos, o que se convencionou chamar de ‘questão racial brasileira’ tem sido incorporada em vários setores da sociedade.

As redes sociais, em especial o Facebook, é um grande espaço de debate sobre essas problemáticas, por conta da rápida circulação e articulação das notícias. Casos de racismo ganham amplitude e alcance, atingindo pessoas que antes não tiveram contato com a discussão.

A expressão da opinião dos usuários sobre o ocorrido, denota interesse em debater o tema. Acadêmicos e não acadêmicos tem a oportunidade de estarem no mesmo terreno e aprenderem mutuamente, com isso a população brasileira vem tendo acesso a discussões mais complexas sobre raça e os intelectuais entram em contato com as cotidianas e diversas.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo da História Única**, 2009. “TEDGlobal” (18m 49s). Disponível em:

[http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)>. Acesso em 03 set 2018.

ALMEIDA, Silvio L. de. **O que é racismo estrutural?**. Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 204p.

BARRETO, R; CECCARELLI P. R; LOBO, W. L. **O Negro e a Mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais**. In: Conversas transversalizantes entre Psicologia Política, Social-Comunitária e Institucional com os campos da educação, saúde e direitos, vol. 7. LEMOS, Flávia C et al. (orgs.). Curitiba: CRV, 2017, pp. 709-718.

FERREIRA, Aparecida J. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6, ed. 14, pp. 236-263, 31 out 2014.

GOMES, Nilma L. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou resignificação cultural? (GT21)**. In: “REUNIÃO ANUAL DA ANPED”, 25., 2002, Caxambú. Anais... Caxambú: ANPED, 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/nilmalinogomest21.rtf>> Acesso em: 27 maio 2018.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. “Revista Ciências Sociais Hoje”, ANPOCS, 1980, p. 223-244.

\_\_\_\_\_, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Coleção 2 Pontos, v.3. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do ‘fim dos territórios’ à multi territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **Que “negro” é esse na cultura popular negra?** Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 13-14, p. 147-159, jan./ago. 2001.

\_\_\_\_\_. Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 434 p.

HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle. **Notas sobre desigualdade racial e política no Brasil**. “Estudos Afro-Asiáticos”, Rio de Janeiro, nº 25, dez./1993. p. 141-159.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MACHADO, J.; MORETTO, M. **Riscos e incertezas no uso do Facebook como plataforma de ativismo político**. "Cadernos Konrad Adenauer", v.3, p. 113-132, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica à Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. 1ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O Destino das Imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RIOS, Flávia M. **Elite Política Negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e estado**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. FFLCH/Universidade de São Paulo, 2014. 247 pp.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017, 112p.

OLIVEIRA, Cloves Luiz Pereira. **O negro e o poder no Brasil: uma proposta de agenda de pesquisa**. "Caderno CRH", Salvador, nº 36, 2002. p. 49-67.

OLIVEIRA, C. L. P. **A Inevitável Visibilidade de Cor: Estudo comparativo das campanhas de Benedita da Silva e Celso Pitta às prefeituras do Rio de Janeiro e São Paulo, nas eleições de 1992 e 1996**. Tese de doutorado, Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (Iuperj), 2007. 470 pp.

\_\_\_\_\_, Cloves L. P. **O choque político do ano: a imprensa e a eleição de Celso Pitta para a prefeitura de São Paulo de 1996**. "Civitas", v. 8, n. 2, p. 258-282, maio-ago, Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Raça e voto na eleição presidencial de 1994**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, nº 30, dez, 1996. p. 61-78.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.